Uma cena das muralhas da cidadela

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

É outono. Estamos sobre as muralhas da cidadela e olhamos, sobre o mar, para os muitos navios e para a costa sueca, que se ergue na última luz do sol; atrás de nós, a muralha desce abruptamente. Ali há grandes árvores magníficas; a folhagem amarela cai dos galhos. Lá embaixo ficam casas sombrias com paliçadas de madeira; lá dentro, por onde anda a sentinela, tudo é tão estreito e sombrio, mas ainda mais escuro é atrás da abertura gradeada: ali estão presos os condenados a trabalhos forçados, os piores criminosos.

Um raio do sol poente entra no aposento nu. O sol brilha sobre os maus e sobre os bons! O prisioneiro sombrio e rude fita com um olhar medonho o frio raio de sol. Um passarinho voa até a grade. O pássaro canta para os maus e para os bons. Canta um breve “Qvivit”, mas continua pousado, bate a asa, tira dela uma pena, deixa as outras penas se eriçarem ao redor do pescoço — e o homem mau, acorrentado, fica olhando. Uma expressão mais branda passa pelo rosto medonho; um pensamento, que nem ele próprio percebe com clareza, desponta em seu peito; é aparentado com o raio de sol que atravessa a grade, aparentado com o perfume das violetas que, na primavera, crescem tão abundantes lá fora. Agora soa a música dos caçadores, tão agradável e forte. O pássaro abandona a grade do prisioneiro, o raio de sol desaparece, e fica escuro dentro do aposento, escuro no coração do homem mau; mas o sol brilhou lá dentro, o pássaro cantou lá dentro.

Continuai, belos sons das trompas! A tarde é bela, o mar, liso como um espelho e quieto!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
Revisão: Codex · revisão independente por IA
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/uma-cena-das-muralhas-da-cidadela